# Um pouco de ficção - 28/09/2014

Conforme argumentação de Vaihinger, há ficção na base do conhecimento. Mas, se  
as grandes teorias científicas se assentam sobre ficções (por exemplo, a  
teoria de atração gravitacional, que é uma abstração e hipoteticamente  
proposta por Kepler e depois Newton; o feixe de luz \_como se\_ fosse uma onda,  
etc.), qual a garantia epistemológica da ciência?  
  
   
  
Se, conforme Popper, a ciência é provisória, qual o valor dos juízos  
analíticos kantianos? Se há uma lógica na qual eles se baseiam, essa lógica de  
nada adianta se não for aplicada. Mas a aplicação dos juízos analíticos  
desemboca \_praticamente\_ nas ciências. E mais, por que não se pode fazer  
metafísica, por que a razão somente pode tratar dos fenômenos? Se chegarmos a  
tal ponto de ceticismo, a uma dissociação tão radical da realidade com a  
racionalidade, perdemos qualquer ponto de apoio.  
  
Se a metafísica versa sobre o imponderável, o que dizer do artifício das  
ficções? A ficção é um construto da razão e, como tal, é subjetivo. Tempo e  
espaço, que são as condições da estética kantiana e são dados a priori, também  
não fazem parte desse construto engenhoso? Até onde isso vai?  
  
   
  
É ilimitado o mundo criado pela mente humana. O Homem concebeu um mundo e nele  
vive. Esse mundo concebido não é o mesmo mundo que está aí, embora eles  
paralelamente se desloquem e coincidam (essa ideia remete a Leibniz e as  
mônadas que vivem simultaneamente isoladas, tudo com elas e entre elas  
acontecendo ao mesmo tempo, causa e efeito em cada uma delas, separadamente).  
Uma vez criado esse mundo, ele se perpetuou de tal forma que, hoje, nesse  
momento, agora (!!!), ficamos a mercê do produto aparente que se torna quase  
impossível comprovar qualquer tipo de conhecimento ou julgamento, ou qualquer  
coisa que remeta a algum tipo de verdade.  
  
   
  
Mas, se é assim, vivemos sobre o caos. Ele está abaixo de nossos pés, a frente  
de nossas mãos e atrás de nossas costas. Se é assim: por que tanta  
seriedade??? Por que levar tão a sério algum tipo de trabalho que se baseia na  
epistemologia??? \*\*Isso abre caminho para o humanismo, porque não precisamos  
de ciência para nos relacionarmos com o outro...\*\*  
  
   
  
Tal ceticismo ficcional traz consigo o nominalismo que se aparta do mundo: a  
cabra é mais "palavra cabra" do que "bicho cabra" - ainda mais hoje quando não  
mais vemos bichos...  
  
As qualidades das coisas: só as conhecemos pelos nomes e pelas sensações que  
delas temos, não as conhecemos em si. O nome evoca a coisa e provoca seu  
efeito, às vezes, antes mesmo da coisa (isso já nos mostrou Sartre sobre a  
intencionalidade da consciência, o imaginar que provoca algo, o ausente que se  
faz sentir, o pensar no frango e sentir fome, o lembrar da carne podre e  
sentir enjoo da carne boa).  
  
   
  
Quando o homem concebe o mundo (no sentido de gerar, parir - dito antes), é  
esse mundo idealizado que é intersubjetivamente compartilhado entre cada um,  
esse mundo idealizado serve de base para as convenções que são utilizadas na  
sociedade, de uma maneira geral. Há sempre um algo traduzindo o mundo: há um  
mundo lá - esse mundo real é descrito por palavras, pela convenção  
linguística. Há um mundo lá que pode ser previsto pelas ficções, pelas  
abstrações criadas pelo homem. Linguagem e ficção são criadas pelo homem e  
para o homem. Pensando nas 3 desilusões alertadas por Freud: 1. não somos o  
centro do Universo (heliocentrismo); 2. não somos originados por Deus  
(darwnismo); e 3. a sua: existe uma subconsciência alheia ao mundo e ao homem  
e que pode ser responsável por nossos atos; qual o recado da ficção, das  
linguagens? De fato, não nos relacionamos nem com uma realidade de mundo e nem  
e de forma direta entre nós. Há sempre uma criação e uma virtualidade contida  
nas palavras, nos movimentos e intenções: somos passivos, somos reflexos de  
nossas próprias criações - cada vez menos originais.  
  
   
  
A própria linguagem inventada pelo homem evolui, as palavras mudam de  
significados, as palavras se fundem e se consolidam, novas se criam. \*\*Essa  
mudança de sentido das palavras tem como pano de fundo uma possível falsidade  
da linguagem?\*\* A língua não é certa, ela se constrói. E, por isso, as  
palavras mudam? Palavras não são números. Os números são - há sempre uma  
atualidade neles. As palavras, eram, estão e serão. Virão a ser o que um dia  
deixaram de ser, ou poderão ser o que um dia não foram?? Ao representarem  
coisas que deixaram ou deixarão de existir, mesmo assim ainda subsistem? Que  
ficção pode ser construída com que tipo de palavra? Precisamos investigar essa  
relação entre a palavra que representa uma realidade diretamente e uma palavra  
que é usada em uma ficção. Porque a associação linguagem-ficção multiplicada  
pelo homem tem responsabilidade mesmo que seja naquele humanismo que  
ressaltamos anteriormente.  
  
   
  
Aula da Filosofia da Arte de 22/09/2014